

A metodologia da bricolagem: uma possibilidade em pesquisas pós-críticas em educação

The bricolage methodology: a possibility in post-critical research in education

La metodología de la bricolaje: una posibilidad en investigaciones poscríticas en educación

*Anderson Luiz Gonzalez¹
Kamila Lockmann²*



<https://doi.org/10.28998/2175-6600.2024v16n38pe16909>

Resumo: Este ensaio propõe a bricolagem como metodologia para analisar filmes na vertente pós-crítica dos estudos culturais, destacando a importância da decupagem e análise fílmica para desconstruir narrativas culturais. Ao combinar essas técnicas, os pesquisadores obtêm uma ferramenta flexível para questionar discursos hegemônicos, explorar relações de poder e compreender dinâmicas de exercício e resistência em produções fílmicas, enriquecendo os estudos culturais foucaultianos e promovendo uma abordagem não convencional na análise de dados.

Palavras-chave: Bricolagem. Análises fílmicas. Decupagem. Educação. Estudos Culturais.

Abstract: This theoretical essay proposes bricolage as a methodology for analyzing films within the post-critical realm of cultural studies, emphasizing the importance of film editing and analysis for deconstructing cultural narratives. By combining these techniques, researchers gain a flexible tool to question hegemonic discourses, explore power relations, and understand dynamics of exercise and resistance in film productions, enriching foucauldian cultural studies. The article promotes an unconventional approach to data analysis, encouraging reflection on the potential of analyzing cultural film artifacts.

Keywords: Bricolage. Film Analysis. Editing. Education. Cultural Studies.

¹ Universidade Federal de Rio Grande/FURG. Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-0349-0671>. Contato: andersongonzalez72@gmail.com

² Universidade Federal de Rio Grande/FURG. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1993-8088>. Contato: kamila.furg@gmail.com



Resumen: Este ensayo teórico propone la bricolaje como metodología para analizar películas dentro de la corriente poscrítica de los estudios culturales, destacando la importancia del montaje y análisis fílmico para la deconstrucción de narrativas culturales. Al combinar estas técnicas, los investigadores obtienen una herramienta flexible para cuestionar discursos hegemónicos, explorar relaciones de poder y comprender dinámicas de ejercicio y resistencia en producciones cinematográficas, enriqueciendo así los estudios culturales foucaultianos. El artículo promueve un enfoque no convencional en el análisis de datos, fomentando la reflexión sobre el potencial del análisis de artefactos culturales cinematográficos.

Palabras clave: Bricolaje. Análisis cinematográfico. Edición. Educación. Estudios Culturales.

1 INTRODUÇÃO

*Se não temos ideia de quantas vezes
um diretor coça a cabeça em busca da melhor solução,
ou antes de escolher um cenário, de achar a maneira
como vai distribuir os atores em cena ou achar a posição
de câmera mais conveniente para o desenvolvimento
da ação, dificilmente conseguiremos
captar o trabalho que temos diante de nós.
(ARAÚJO, 1995, p. 15)*

Coçar a cabeça, escolher o cenário e encontrar a posição da câmera são ações constantes ao longo de um percurso investigativo. Construir uma pesquisa pressupõe fazer escolhas diante de um universo de possibilidades. É necessário refletir sobre cada detalhe: o que pretendo pesquisar? Qual é o meu maior interesse? Como construir o problema? De que maneira esse problema se articula ao que já foi produzido no campo? Como e por que trabalhar com determinado conceito? Qual a fundamentação teórica que embasará cada discussão? De que forma esse problema me conduz ao material empírico que utilizarei na produção de dados?

As perguntas são inúmeras e parecem surgir a todo instante. Dessa forma, entendemos que um “roteiro metodológico” pode ser útil para auxiliar na resposta a algumas destas dúvidas. Nesse sentido, este artigo propõe-se a apresentar a bricolagem enquanto uma abordagem metodológica que envolve a reutilização criativa de elementos diversos para a construção de algo novo e surge como uma possibilidade potente no contexto das análises fílmicas.

Através da bricolagem, o/a pesquisador/a se torna um/uma artesão/ã da análise, selecionando e combinando diferentes ferramentas conceituais, teóricas e metodológicas para desconstruir e reinterpretar os artefatos culturais fílmicos. Essa abordagem flexível permite uma exploração mais aprofundada das camadas de significado nos filmes, proporcionando uma compreensão mais rica e multifacetada de suas nuances estéticas, narrativas e até mesmo socioculturais.



Dito isso, neste artigo exploraremos as bases teóricas da bricolagem enquanto metodologia, sua articulação com a análise fílmica e as possibilidades que ela pode oferecer aos/às pesquisadores/as que buscam o cinema e os filmes como materialidade empírica.

Assim, tomamos o “roteiro metodológico” como uma metáfora que serve não como algo a ser seguido, construído previamente, apresentado como modelo, mas como um esboço inicial, uma ideia a ser lapidada à medida que o próprio roteiro vai se desenvolvendo e sendo criado. Em outras palavras, é colocar a ideia no papel, em linhas gerais, e ir construindo, costurando, montando e desmontando através dela.

Para isso é necessário ler, reler, compilar, elaborar e montar o roteiro metodológico em todas as suas minúcias. Tal roteiro é sempre fruto de escolhas, porém, é importante destacar que essas escolhas devem ser feitas de modo “estratégico e autorreflexivo”, pois não se trata de um “vale tudo” (VEIGA-NETO, 2009). Nesse ponto, trazemos Lockmann (2013), para corroborar com a ideia da complexidade dos rumos metodológicos de uma pesquisa:

As ferramentas utilizadas para trabalhar com o material empírico escolhido pelo pesquisador, assim como os posicionamentos teóricos assumidos ao longo de um trabalho de pesquisa, conduzem-nos por diferentes percursos, nos possibilitam lançar outras perguntas sobre o objeto em questão e nos direcionam para a obtenção de achados distintos. A trama que envolve e constitui os rumos metodológicos de uma pesquisa é sempre complexa e instável, pois são trajetórias em constante construção e reconstrução. Opções, escolhas e direcionamentos são atividades permanentes no desenrolar de qualquer trabalho investigativo (LOCKMANN, 2013, p. 43).

Ao construir um caminho metodológico, é necessário selecionar, optar e operar com uma, dentre as variadas formas, de conduzir a maneira como vamos proceder nesta etapa da pesquisa.

Se seguirmos uma metodologia de pesquisa mais tradicional, por exemplo, escolheríamos um método, aplicaríamos em nosso trabalho e colheríamos os resultados esperados de acordo com nossas intenções. Seria como seguir um caminho seguro que nos levaria a um fim determinado, previsto desde o início. No entanto, ao optarmos por trabalhar com uma metodologia pós-crítica inspirada nos Estudos Culturais, abrimos mão dessas certezas, como afirmam Nelson, Treichler e Grossberg (2020):

[...] os Estudos Culturais não têm qualquer garantia sobre quais são as questões importantes a serem feitas em dados contextos nem como respondê-las; portanto, nenhuma metodologia pode ser privilegiada ou mesmo temporariamente empregada com total segurança e confiança, embora nenhuma possa tampouco ser eliminada antecipadamente (NELSON; TREICHLER; GROSSBERG, 2020, p. 09).



Contudo, não estamos afirmando que as pesquisas baseadas em teorias pós-críticas não resultam em algo que atenda às necessidades do/a pesquisador/a, mas sim que, para a maioria das vertentes pós-críticas, é problemático adotar uma metodologia predefinida. “A escolha das práticas de pesquisa depende das questões que são feitas, e as questões dependem de seu contexto” (NELSON; TREICHLER; GROSSBERG, 2020, p. 9).

É importante ressaltar que, como afirmam Meyer e Paraíso (2021, p. 17), “[...] a maior parte das correntes teóricas denominadas pós-críticas não se refere a um método de pesquisa no sentido usual do termo”. Nesse sentido, o conceito de “metodologia” é tomado aqui “a partir de um entendimento bem mais livre do que no sentido moderno atribuído ao termo ‘método’” (MEYER; PARAÍSO, 2021, p. 18).

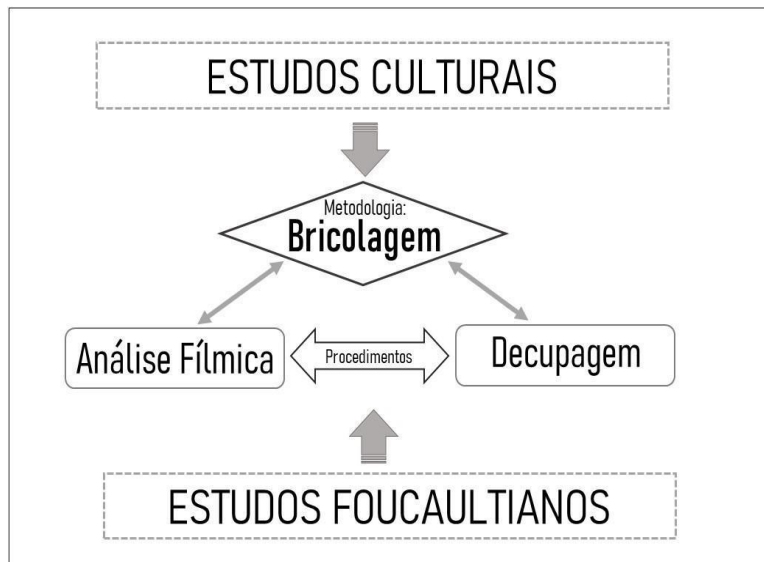
Com base no pensamento dessas autoras:

Entendemos metodologia como um certo modo de perguntar, de interrogar, de formular questões e de construir problemas de pesquisa que é articulado a um conjunto de procedimentos de coleta de informações – que, em congruência com a própria teorização, preferimos chamar de ‘produção’ de informação – e de estratégias de descrição e análise (MEYER; PARAÍSO, 2021, p. 18).

Assim sendo, acreditamos que essa concepção de metodologia “mais livre” nos permite um movimento de idas e vindas, de aproximações e distanciamentos, de “focar e desfocar a câmera”, ora aqui, ora ali, pois essa forma de nos movimentarmos nos permite um afastamento maior dos essencialismos, das certezas e das verdades absolutas.

Foi nesse movimento de construção de um roteiro metodológico e para melhor contextualização do que entendemos por metodologia e procedimentos de análise que construímos o esquema na Figura 1 para esboçar uma ideia inicial sobre o que iremos abordar neste artigo, ou seja, como trabalhamos com análises fílmicas a partir da bricolagem.

Figura 1: Esquema organizacional



Fonte: Elaborado pelos/pelas pesquisadores/as, 2022.

O esquema da Figura 1 representa algumas escolhas que possibilitam construir um roteiro metodológico. Primeiramente, tal metodologia ancora-se em dois grandes campos de estudos teóricos: os Estudos Culturais e os estudos foucaultianos.

A partir deles, cria-se um percurso metodológico que se desenvolve utilizando a bricolagem como metodologia de pesquisa. Dentro dessa metodologia, selecionamos dois procedimentos que consideramos úteis para lidar com a análise de artefatos culturais fílmicos, quais sejam: a própria análise fílmica e a decupagem. Começamos, então, conceitualizando a bricolagem e posteriormente estes dois procedimentos.

É importante destacar que a operação metodológica aqui compartilhada não foi construída previamente, mas é resultado da experiência vivenciada em uma pesquisa desenvolvida no Mestrado em Educação. A montagem do caminho, com os aportes que sustentam o esquema apresentado, foi feita pouco a pouco, durante o caminhar. Assim, ele não deve servir como modelo a ser aplicado, mas como inspiração para que os/as pesquisadores/as em educação possam construir seus próprios percursos investigativos.

2 TECENDO O ENREDO DO BRICOLEUR

Segundo Denzin e Lincoln (2006, p. 18), o *bricoleur* é “um indivíduo que confecciona colchas [...] e utiliza as ferramentas estéticas e materiais do seu ofício, empregando efetivamente quaisquer estratégias, métodos ou materiais empíricos que estejam ao seu alcance”. A partir disso, a ideia de bricolagem remete a um termo francês

que designa um trabalho manual realizado de forma improvisada, a partir da utilização de diferentes materiais (NEIRA; LIPPE, 2012). Segundo esses autores:

Kincheloe (2007) ampliou essa definição ao dizer que bricolagem é uma forma de fazer ciência que analisa e interpreta os fenômenos a partir de diversos olhares existentes na sociedade atual, sem que as relações de poder presentes no cotidiano sejam desconsideradas. Adotando uma postura ativa, a bricolagem rejeita as diretrizes e roteiros preexistentes, para criar processos de investigação ao passo em que surgem as demandas (NEIRA; LIPPE, 2012, p. 610).

Mas por que a bricolagem? Optamos por escolhê-la, pois acreditamos que, além de ser uma possibilidade potente para se trabalhar com análises de artefatos culturais fílmicos, não se trata de “um método a adotar” ou a “uma única teoria a subsidiar os trabalhos”, como cita Paraíso (2021):

Procedemos em nossas metodologias de modo a cavar/produzir/fabricar a articulação de saberes e a bricolagem de metodologias porque não temos uma única teoria a subsidiar nossos trabalhos e porque não temos um método a adotar. Usamos tudo aquilo que nos serve, que serve aos nossos estudos, que serve para nos informarmos sobre nosso objeto, para encontrarmos um caminho e as condições para que algo de novo seja produzido. A bricolagem é um momento de total desterritorialização, que exige a invenção de outros e novos territórios. Contudo, para articular saberes e bricolagem metodologias, nos apoiamos em diferentes deslocamentos, “viradas”, explosões e desconstruções feitas pelas teorias pós-críticas (PARAÍSO, 2021, p. 35).

O ponto de “desconforto” da bricolagem a partir do campo dos Estudos Culturais, segundo Nelson, Treichler e Grossberg (2020), é justamente esse, pois trata-se de um posicionamento que não assegura nenhum tipo de garantia sobre os resultados que serão alcançados.

Entender a bricolagem como uma metodologia a partir do campo dos Estudos Culturais em sua vertente pós-crítica significa que o método vai sendo construído à medida que a pesquisa avança. Vamos escolhendo os métodos de acordo com as demandas da pesquisa.

Destarte, realizar uma bricolagem significa se utilizar da possibilidade de tirar proveito de várias metodologias, referenciais teóricos e estratégias de pesquisa, ou seja, algo como a produção de um roteiro. Para isso, Paraíso (2021), informa que:

[...] precisamos encontrar, coletar e juntar as informações disponíveis sobre nosso objeto. Usamos nessa tarefa elementos da etnografia, da netnografia, da etnografia pós-moderna. Usamos grupos focais, entrevistas, narrativas, documentos. Juntamos materiais impressos, textos, livros, projetos. Coletamos cartazes, desenhos, figuras, fotografias. [...] olhamos, observamos, escutamos. Entrevistamos, registramos, anotamos, gravamos, filmamos. [...] perguntamos a pessoas, autores/as, filmes, programas televisivos, campanhas publicitárias (PARAÍSO, 2021, p. 35-36).

Nesse ponto, chamamos a atenção para uma questão: ao realizar a bricolagem, que é essa operação de “recorta e cola”, é necessário compreender que, ao colarmos as metodologias, os métodos, os procedimentos, etc., ao nosso trabalho investigativo, estamos “montando” algo totalmente novo, pois:

O recorte é uma operação feita com pequenas partes, e não permite a totalização, nem integração. Quando colamos, não restauramos a unidade, porque o que queremos é mesmo a junção de diferentes. Temos na bricolagem a junção de coisas, procedimentos e materiais díspares. O resultado da bricolagem, portanto, é uma composição feita de heterogêneos. Tudo que cortamos vem para nossas pesquisas de modo ressignificado pelo efeito da colagem. Afinal, aquilo que foi cortado vai se juntar aos nossos pressupostos, às nossas premissas e às imagens de pensamentos instituídas nas correntes teóricas com as quais trabalhamos (PARAÍSO, 2021, p. 36).

Trata-se, portanto, de ocupar-se daquilo que já foi feito para criar algo novo, com o intuito de questionar as verdades estabelecidas sobre o que já foi construído, sobre o que já foi dito. Isso “porque estamos preocupados com o ‘aqui’ e ‘agora’, com o nosso tempo presente” (PARAÍSO, 2021, p. 37).

Neste capítulo, procuramos detalhar o que se entende por bricolagem enquanto metodologia a partir do campo dos Estudos Culturais em sua vertente pós-crítica e de alguns autores que a conceituam, como Paraíso (2021), Neira e Lippe (2012). Assim, na próxima subseção, iremos focar no procedimento da análise fílmica e no significado que esse conceito possui nesta escrita.

2.1 Análise fílmica – Tomada 2

Existem diversas formas e métodos possíveis de análise de materiais empíricos em uma pesquisa, nesta escrita optamos por direcionar o nosso foco para o procedimento da “análise fílmica” (VANOYE, 2012). A intencionalidade aqui, no entanto, é construir uma possibilidade de trabalho, ou melhor, de procedimento, enquanto algo despretensioso no sentido de dar uma resposta final e/ou definitiva para a busca pelo “melhor” procedimento de análise de materiais fílmicos.

Assim sendo, segundo Vanoye (2012, p. 21), “analisar um filme também é situá-lo num contexto, numa história”. Para esse autor, existem basicamente dois eixos de discussão que constituem a análise fílmica: o *eixo sócio-histórico* e o *eixo simbólico*. O primeiro eixo “considera o filme como um produto cultural inserido em um determinado contexto sócio-histórico” (VANOYE, 2012, p. 51). Nesse sentido, é possível utilizar o filme para analisar um determinado contexto social ou até mesmo a sociedade como um todo,



levando em conta que os filmes não são produtos isolados e neutros, separados de outros setores sociais, como menciona o autor:

[...] Embora o cinema usufrua de relativa autonomia como a arte (com relação a outros produtos culturais como a televisão ou a imprensa), os filmes não poderiam ser isolados dos outros setores de atividade da sociedade que os produz (quer se trate da economia, quer da política, das ciências e das técnicas, quer, é claro, das outras artes) (VANOYE, 2012, p. 51).

Destarte, é possível se valer da análise sócio-histórica para cooptar um determinado fato histórico e problematizá-lo, como por exemplo, o Nazismo, o fascismo, a escravidão, a religiosidade, o neoliberalismo, etc. Como elucida Vanoye (2012):

Numa terceira classe de filmes, poderíamos agrupar todos aqueles que *a priori*, não exigem leitura simbólica, mas oferecem-se, ao contrário, a uma apreensão “simples”, literal. Nesse caso, seria **a intenção do leitor, do analista, que geraria significações simbólicas**. Não se deve, porém, evidentemente, negligenciar a possibilidade de um “ardil” do autor (e do texto), que tende a dissimular um sentido simbólico sob uma aparência plana (VANOYE, 2012, p. 30, grifo nosso).

Assim sendo, para Vanoye (2012, p. 9), “a análise fílmica não é um fim em si. É uma prática que procede de um pedido, o qual se situa num contexto (institucional). Esse contexto, no entanto, é variável e disso resultam evidentemente demandas variáveis”.

Nesse ponto, cabe trazer uma problematização que pensamos ser pertinente: de que serve compreender um filme? Essa inquietação também foi mencionada por Vanoye (2012), e ele nos auxilia a responder essa questão:

Mas, dirão, de que serve compreender? De que serve interpretar um filme? Não basta vê-lo, eventualmente revê-lo, senti-lo? A meta do cinema não é provocar emoções? Não é, antes de mais nada, um prazer, um espetáculo? Não pertenceria, bem mais do que a literatura, e segundo uma tradição bem estabelecida pela indústria e pelo comércio, ao universo do lazer? (VANOYE, 2012, p. 12, grifo do autor).

Podemos conjecturar que analisar e compreender um filme enquanto *locus* de pesquisa vai muito além de simplesmente contemplá-lo como “um prazer ou um espetáculo”. Vanoye (2012) prossegue, a partir do excerto acima, afirmando que:

Analisar um filme não é mais vê-lo, é revê-lo e, mais ainda, examiná-lo tecnicamente. Trata-se de uma outra atitude com relação ao objeto-filme, que, aliás, pode trazer prazeres específicos: desmontar um filme é, de fato, estender seu registro perceptivo e, com isso, se o filme for realmente rico, usufruí-lo melhor (*ibidem*).

Com isso, é possível considerar que existe todo um trabalho específico de análise técnica do filme que, é importante dizer, não necessariamente está desvinculado do prazer que é, ou pode ser, trabalhar com análises fílmicas. Trata-se, como afirma o autor,

de ter “uma outra atitude em relação ao objeto-filme”. É decupar o filme em suas sutilezas, em suas minúcias. Em outras palavras, é tentar fazer com que o já visto seja visto de uma forma diferente, de forma crítica e problematizadora, buscando elementos que se relacionam e se articulam com “o mundo real”, buscando analisar como esses materiais representam e subjetivam nossas concepções sobre a realidade que nos cerca.

Essa tarefa, no entanto, não é simples e fácil, pois precisamos nos desvincular de uma maneira espontaneísta demais de assistir a filmes, já que eles nos bombardeiam com imagens em constante movimento, fazendo com que, muitas vezes, nos esqueçamos de que as produções fílmicas são produtos de uma determinada cultura, inseridos em um contexto social específico, e que produzem significados sobre as coisas do mundo.

Estamos cercados por um dilúvio de imagens. Seu número é tão grande, estão presentes tão “naturalmente”, são tão fáceis de consumir que nos esquecemos de que são o produto de múltiplas manipulações, complexas, às vezes muito elaboradas. O desafio da análise talvez seja reforçar o deslumbramento do espectador, quando merece ficar maravilhado, mas tornando-o um deslumbramento participante (VANOYE, 2012, p. 13).

Se nos colocarmos no papel de alguém que analisa um filme, o primeiro contato com o material de análise nos traz uma variedade de sensações e uma multiplicidade de impressões que, por isso mesmo, torna praticamente impossível conduzir uma análise assistindo ao material apenas uma vez. É necessário ter cautela para não nos deixarmos “inundar” pelo que está previamente estabelecido em cada cena. Por essa razão, analisar um filme é, no sentido científico do termo, “despedaçá-lo”. Como afirma Vanoye (2012):

Analisar um filme ou um fragmento é, antes de mais nada, no sentido científico do termo, assim como se analisa, por exemplo, a composição química da água, decompô-lo em seus elementos constitutivos. É despedaçar, descosturar, desunir, extrair, separar, destacar e denominar materiais que não se percebem isoladamente, “a olho nu”, uma vez que o filme é tomado pela totalidade (VANOYE, 2012, p. 14).

A partir disso, é possível ponderar que decupar um filme não é tarefa simples. Exige tanto rigor quanto necessário em qualquer tipo de análise científica. Afirmamos isso porque, culturalmente, assistir a um filme ou a uma série está associado ao lazer. Compreender o cinema como um artefato cultural significa entender que ele ensina, produz e reproduz modos de ser e estar em uma determinada sociedade.

Dessa forma, é completamente passível de ser utilizado enquanto *locus* de análise em uma pesquisa. No entanto, como mencionado anteriormente, não é uma condição

sine qua non que o prazer seja desvinculado da atividade de análise de objetos fílmicos ou do cinema, por exemplo.

Dito isso, a seguir abordamos mais um dos procedimentos possíveis para a análise de artefatos culturais fílmicos, a saber, a Decupagem e sua conceitualização. Além disso, apresentamos também um exemplo de decupagem para fins didáticos.

2.2 A Decupagem de artefatos culturais fílmicos

“A articulação de um conjunto em ações distintas, no interior de diferentes planos, é o que designa habitualmente na prática cinematográfica como decupagem”.
(SERGEI M. EISENSTEIN)

A decupagem, na linguagem cinematográfica, se refere ao processo de produção de um filme e tem o sentido de examinar minuciosamente cada cena. No entanto, é importante destacar que, como método, a decupagem adquire um significado um pouco diferente do que é comumente entendido no mundo cinematográfico.

Para fins deste estudo, entendemos a decupagem da seguinte forma: “A palavra decupar vem do francês *découper*, que significa 'cortar em pedaços'. Na prática, é o momento em que o diretor e roteirista dividem cada cena em planos” (ARAÚJO, 1995, p. 62). Portanto, na perspectiva deste artigo, a decupagem consiste em dividir os materiais empíricos em “pedaços” para analisá-los em detalhes.

Assim sendo, isso significa selecionar criteriosamente cenas e momentos em que o artefato fílmico aborda, explicitamente ou implicitamente, a temática que o pesquisador ou a pesquisadora deseja analisar. A decupagem exige que assistamos ao material de análise buscando uma compreensão geral e realizemos uma análise crítica desse material, assistindo-o diversas vezes. Nesse ponto, é comum nos depararmos com uma das dificuldades ao trabalharmos com cinema e análises fílmicas. Conforme Fabris (2008):

Analisar uma produção como o cinema, que rompe com as formas mais comuns de representação, em que a materialidade é a imagem em movimento, é ingressar em uma outra dimensão do conhecimento. A imagem em movimento não apenas tenta reproduzir o “real”, como também nos faz entrar em uma dimensão espaço-temporal singular, criando um jeito novo de conhecer através do olho da câmera; nesse processo, pensamos e conhecemos por imagens (FABRIS, 2008, p. 125).

Assim sendo, “pensar e conhecer por meio de imagens” é algo que, como menciona a autora, nos leva a adentrar em um outro universo. Isso traz consigo suas dificuldades e especificidades dentro de uma metodologia de análise.

Diante disso, faz-se necessário submeter o artefato fílmico a um intenso processo de trabalho, elaborando tabelas e rascunhos como uma possibilidade de etapa inicial de seleção das cenas, por exemplo. A tabela e os rascunhos podem servir como suporte para o processo de decupagem, no qual destaca-se os momentos em que o material aborda questões relevantes para a temática pesquisada e para o seu objetivo.

Na Tabela 1, apresentamos um exemplo inicial de uma análise de decupagem centrada no filme "Extraordinário", o qual se fundamenta no livro homônimo de R. J. Palácio. A narrativa gira em torno de Auggie "August" Pullman (Jacob Tremblay), um menino de dez anos que, devido a uma deformidade facial, submeteu-se a diversas intervenções cirúrgicas ao longo de sua vida. Inicialmente educado em casa por sua mãe, Auggie está prestes a ingressar no quinto ano em uma escola comum.

Ao adentrar o ambiente escolar, Auggie enfrenta uma série de desafios que vão desde a dificuldade em estabelecer amizades até a experiência de preconceito e bullying por parte de alguns colegas. Entretanto, ele encontra apoio em pessoas que o valorizam para além de sua aparência física.

A trama também proporciona visões adicionais de outros personagens, como Via (Izabela Vidovic), a irmã de Auggie, que experimenta uma sensação de negligência por parte dos pais devido às demandas relacionadas ao irmão. Além disso, Jack Will (Noah Jupe), um colega de classe, enfrenta seus próprios preconceitos e passa por um processo de aprendizado, priorizando a importância da amizade sobre as aparências. "Extraordinário" emerge como uma narrativa propícia para a reflexão sobre temas que abrangem in/exclusão, diversidade e diferença, variando conforme a perspectiva adotada ao assisti-lo.

Nesse contexto, o filme pode ser empregado como exemplo de material fílmico para a análise de questões relacionadas à in/exclusão no ambiente escolar. Para isso, organizamos a tabela para materializar o movimento de decupagem desenvolvido com o referido filme. Nesse movimento, selecionamos cenas do filme que se relacionavam ao tema da in/exclusão no ambiente escolar. Ao selecionar as cenas construímos a tabela



abaixo que destaca o título dado à cena, o tempo exato em que ela ocorre no filme e qual eixo de análise lhe foi atribuído.

Tabela 1: Exemplo de decupagem inicial

EXTRAORDINÁRIO	MOMENTO	EIXO DE ANÁLISE
Falas de Auggie	3min30seg	A exaltação e o comum
Primeiro dia na escola	12min10seg	In/exclusão
No refeitório da escola	19min30seg	O incômodo e a tentativa de apagamento
Fotos para o anuário	33min40seg	O incômodo e a tentativa de apagamento
O pátio da escola	33min50seg	O incômodo e a tentativa de apagamento
Bullying	36min	In/exclusão (dominação por tutela)
Tentativa de inclusão	36min46seg	In/exclusão
Halloween	44min22seg	In/exclusão (invisibilização da diferença)
O desenho ofensivo	1h26min	In/exclusão (dominação por violência)
A foto de Auggie é editada	1h26min54seg	In/exclusão (dominação por violência)
Diálogo dos pais de Julian com o diretor	1h27min45seg	In/exclusão (dominação pelo poder)
A proteção da diferença	1h33min50seg	In/exclusão (dominação por tutela)

Fonte: Elaborado pelo pesquisador, 2023.

Após a construção da tabela, a etapa seguinte envolve uma análise detalhada das cenas selecionadas e sua descrição realizada pelo pesquisador. É possível fazer uso de suas fichas e tabelas para registrar elementos cruciais, como diálogos, movimentos de câmera, trilha sonora e detalhes visuais. Isso auxilia a identificar os momentos em que o filme aborda as questões centrais para a pesquisa.

No caso, em questão, as cenas selecionadas destacam-se por apresentarem momentos nos quais a temática da inclusão/exclusão se manifesta de maneira marcante, proporcionando uma análise aprofundada das disparidades no contexto escolar. A decupagem, enquanto instrumento, desempenha um papel crucial ao auxiliar no processo de análise, permitindo a observação de elementos como a iluminação, a presença ou ausência de trilha sonora, os movimentos de câmera, a focagem e a desfocagem. Todos esses aspectos foram considerados durante a análise dessas cenas, contribuindo para uma compreensão mais abrangente de sua composição. Para melhor ilustrar tal movimento, trazemos como exemplo a análise da cena da chegada de Auggie na escola em seu primeiro dia de aula:



Quadro 1 - Cena do primeiro dia na escola

Na cena mencionada, o diretor utiliza recursos cinematográficos para transmitir a tensão e a dificuldade enfrentadas pelos/pelas personagens diante da inclusão de Auggie na escola. A cena começa com Auggie vestindo um capacete de astronauta, chegando com seus pais e sua irmã na escola, simbolizando sua necessidade de proteção em um ambiente desconhecido e potencialmente hostil. A presença de seu pai, mãe e irmã reforça o apoio familiar e a importância dessa transição para todos/as os/as envolvidos/as.

Quando seu pai se abaixa para tirar o capacete da cabeça do menino, a câmera corta para Via e a mãe de Auggie, destacando suas expressões preocupadas. Esses “planos-detelhe” permitem que o/a espectador/a compartilhe das emoções dos/das personagens, compreendendo a tensão presente no ambiente. A música de fundo, mesmo que presente e em baixo volume, desempenha um papel crucial nesse momento, sendo melancólica e constante, composta apenas por instrumentos. Essa escolha musical intensifica a atmosfera dramática, contribuindo para a construção da emoção do/a espectador/a.



Fonte: Diário dos/as autores/as, 2023, *take* 12m10seg.

Ao combinar o uso de expressões faciais, enquadramentos e trilha sonora, a cena enfatiza a complexidade emocional da inclusão de Auggie na escola. O filme busca transmitir a ansiedade, o medo e a incerteza que acompanham essa experiência tanto para o próprio Auggie quanto para sua família. Esses elementos filmicos trabalham em conjunto para envolver o/a espectador/a na narrativa e criar uma conexão emocional com os/as personagens.

Dessa forma, a cena ilustra a compreensão de que a inclusão escolar não será uma jornada fácil e completa, mostrando que, mesmo dentro da instituição, a exclusão e as dificuldades podem surgir. Assim sendo, percebe-se uma aproximação com o conceito de in/exclusão, uma vez que, por um lado, Auggie não se encontra completamente excluído de suas relações sociais, mas por outro lado não vive a condição permanente de estar incluído. A abordagem técnica utilizada pelo filme visa intensificar esses aspectos, buscando transmitir a tensão e a emoção envolvidas na história de Auggie e sua família.

A cena descrita apresenta Auggie como alguém que se sente deslocado e inseguro em relação ao ambiente escolar. Alguém que sempre esteve à margem desse ambiente e

agora precisa encará-lo com coragem. O uso do capacete de astronauta pode ser percebido como uma estratégia de Auggie para se proteger do mundo exterior, que o julga por sua aparência e exclui o diferente, ou ainda a partir da ideia de o personagem querer invisibilizar suas diferenças.

A cena em questão apresenta uma rica complexidade de simbolismos e emoções que nos levam a pensar sobre os processos de inclusão, além de retratar a exclusão social que Auggie sofre na escola. Esses movimentos parecem não acontecer separadamente, mas numa relação de interdependência. Ao mesmo tempo que Auggie está sendo incluído na escola, sente receio dos processos de exclusão que estão por vir.

Para enriquecer a análise, também é possível recorrer a fontes externas, realizando consulta a livros, artigos científicos e críticas do filme disponíveis na internet para obter sinopses, comentários e informações adicionais que possam enriquecer a pesquisa e fornecer um contexto mais amplo para a análise das cenas escolhidas.

A incorporação de livros, por exemplo, pode auxiliar consideravelmente na análise de diversas facetas, como cenas, diálogos e características dos personagens. O contexto geral do livro, aliado às descrições minuciosas, viabiliza uma análise mais robusta e detalhada. Essa abordagem, quando combinada com a análise fílmica, promove uma imersão profunda no universo criado pelo/a autor/a em obras posteriormente adaptadas para o cinema.

3 CONSIDERAÇÕES

A metodologia da bricolagem, especialmente através da aplicação da decupagem e da análise fílmica a partir de uma vertente pós-crítica, emerge como um instrumento potente na análise de artefatos culturais fílmicos. Ao empregar essa abordagem, pesquisadores/as obtêm uma ferramenta valiosa para lidar com a dificuldade que é encontrar um método de pesquisa multifacetado, que possibilita uma abertura para se trabalhar com outras ferramentas de análise, sobretudo quando falamos em artefatos culturais fílmicos, para analisar esses dados.

Além disso, a bricolagem, com seu potencial para reorganizar elementos diversos, permite a desconstrução de narrativas fílmicas convencionais, abrindo espaço para a exploração de novas conexões e interpretações. Ela oferece aos pesquisadores/as a capacidade de analisar artefatos culturais sob uma perspectiva não estanque, engessada, revelando nuances anteriormente limitadas a um único método de pesquisa.



A análise fílmica, como parte essencial dessa metodologia, fornece as ferramentas necessárias para observar, dentre outras coisas, os elementos culturais e simbólicos intrincados que compõem as obras cinematográficas. Ela permite a extração de significados subjacentes, temas recorrentes e estruturas narrativas, enriquecendo a compreensão da cultura representada nos filmes.

Ao integrar a bricolagem com a perspectiva foucaultiana, essa abordagem torna-se ainda mais potente, à medida que permite aos pesquisadores/as examinar relações de poder, estratégias de controle, discursos e verdades que circulam nas obras cinematográficas, por exemplo. Isso resulta em análises culturais mais aprofundadas e enriquecedoras.

Consequentemente, a metodologia da bricolagem se destaca e se reafirma como uma ferramenta potente para pesquisadores/as interessados/as na análise de artefatos culturais fílmicos. Ela oferece a oportunidade de analisar narrativas fílmicas, identificar novas interpretações e compreender a cultura representada nas obras cinematográficas de maneira mais abrangente e profunda. Assim, a combinação da bricolagem e análise fílmica representa uma abordagem poderosa e promissora para futuras pesquisas e análises de dados.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, I. **Cinema**: o mundo em movimento. São Paulo: Scipioni, 1995.
- COSTA, M. V. Estudos culturais: para além das fronteiras disciplinares. **Estudos culturais em educação**: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema... p. 15-42. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.
- COSTA, M. V.; SILVEIRA, R. H.; SOMMER, L. H. Estudos culturais, Educação e Pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**. n. 23 – Mai/Jun/Jul/Ago, 2003.
- DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. Introdução a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. *In*: DENZIN, Norma K.; LINCOLN, Yvonna S. et al. **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. Trad. Sandra Regina Netz. p. 15-42. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- FABRIS, E. H. Cinema e educação: um caminho metodológico. **Educação & Realidade**, v. 33, n. 1, p. 117-133, 2008.
- LOCKMANN, K. Ferramentas, procedimentos e posicionamentos: Uma tríade que constitui os caminhos investigativos. Pesquisas em Educação: experimentando outros modos investigativos. **Coleção Cadernos Pedagógicos da EaD**, v.18, 2013.
- MAGALHÃES, J. C.; RIBEIRO, P. R. C. Aprende-se ciência somente na escola? Artefatos culturais para o ensino de ciências na contemporaneidade. *In*: SCHWANTES, L.; RIBEIRO, P. R. C. **Ecossistemas do Sul**: articulando os ecossistemas ao ensino de ciências. Rio Grande: Ed. FURG, 2017, p. 47-58.



NEIRA, M. G.; LIPPI, B. G. Tecendo a colcha de retalhos: a bricolagem como alternativa para a pesquisa educacional. **Educação & Realidade**, v. 37, n. 2, p. 607-625, 2012.

NELSON, C.; TREICHLER, P. A.; GROSSBERG, L. Estudos Culturais: uma introdução. *In: SILVA, T. T. da. (Org.). Alienígenas na sala de aula*. Rio de Janeiro: Vozes, 2020.

PARÁISO, M. A. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, p. 25-47, 2021.

STEINBERG, S. R.; KINCHELOE, J. (Orgs). **Cultura infantil**: a construção corporativa da infância. Trad. George Eduardo Japiassú Brício. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

VANOYE, F. **Ensaio sobre a análise fílmica**. Trad. Marina Appenzeller. 7ª ed. - Campinas, SP: Papyrus Editora, 2012.

VEIGA-NETO, A. Teoria e Método em Michel Foucault: (im)possibilidades. *In: Cadernos de Educação*, Pelotas: FaE / PPGE / UFPel, v. 34, p.83-94, set./dez. 2009.

